

DIVERSAS COMPETÊNCIAS

Consideramos um determinado número de "leis do discurso" que regem a comunicação verbal. Essas leis que se aplicam a toda atividade verbal devem, na realidade, ser adaptadas às especificidades de cada **gênero de discurso**: é possível insultar o público numa peça de teatro, mas não numa conferência; falar num tom professoral pode ameaçar a face positiva do interlocutor numa conversa, mas não numa sala de aula.

O domínio das leis do discurso e dos gêneros de discurso (a **competência genérica**) são os componentes essenciais de nossa **competência comunicativa**, ou seja, de nossa aptidão para produzir e interpretar os enunciados de maneira adequada às múltiplas situações de nossa existência. Essa aptidão não requer uma aprendizagem explícita; nós a adquirimos por impregnação, ao mesmo tempo que aprendemos a nos conduzir na sociedade.

O domínio da competência comunicativa, evidentemente, não é suficiente para se participar de uma atividade verbal. Outras instâncias devem ser mobilizadas para produzir e interpretar um enunciado. É preciso, naturalmente, uma **competência lingüística**, o domínio da língua em questão. E preciso, além disso, dispor de um número considerável de conhecimentos sobre o mundo, uma **competência enciclopédica**.

Essas são as três grandes instâncias que intervêm na atividade verbal, em sua dupla dimensão de produção e de interpretação dos enunciados: domínio da língua, conhecimento do mundo, aptidão para se inscrever no mundo por intermédio da língua. Mas os lingüistas divergem no que diz respeito a uma dupla questão: quais os componentes que se devem distinguir no âmbito dessas competências; que relações tais competências mantêm entre si.

1. A competência enciclopédica

Um conjunto ilimitado

É a nossa competência enciclopédica que nos diz, por exemplo, que uma sala de espera existe para que as pessoas esperem sua vez; que a proibição de fumar se aplica ao tabaco; que os cigarros, charutos, cachimbo, queimam tabaco e soltam fumaça e que a fumaça é geralmente considerada pelos médicos como prejudicial à saúde; que nos lugares fechados a fumaça fica estagnada e pode ser inalada pelos não-fumantes; que existem regulamentos nas repartições, autoridades encarregadas de aplicar sanções etc. E, também, o nosso conhecimento enciclopédico que nos diz quem são Vercingetórix* ou Drácula, como se chamam os nossos vizinhos etc. Esse conjunto virtualmente ilimitado de conhecimentos, o saber enciclopédico, varia evidentemente em função da sociedade em que se vive e da experiência de cada um. Ele se enriquece ao longo da atividade verbal, uma vez que tudo o que se aprende em seu curso fica armazenado no estoque de conhecimentos e se torna um ponto de apoio para a produção e a compreensão de enunciados posteriores.

Os scripts

Na competência enciclopédica não existem apenas os saberes, mas também os *savoir-faire*, a aptidão para encadear ações de forma adequada a alcançar um certo objetivo. Esse, em especial, é o caso dos *scripts* (ou **roteiros**), que são seqüências estereotipadas de ações. Seu conhecimento é geralmente indispensável para interpretar os tex-

* Vercingetórix foi chefe dos gauleses, derrotado por Júlio César na batalha de Alésia. (N.T.)

tos, sobretudo os narrativos, que não explicitam todas as relações entre os seus constituintes. Como exemplo, examinemos o seguinte resumo de filme:

Abby, uma jovem veterinária de aparência comum, apresenta um programa de rádio. Um de seus correspondentes, seduzido por seus conselhos, convida-a para tomar um drinque, mas Abby se descreve com os traços de sua melhor amiga, uma loira de arrasar. Dá para imaginar os quiproquós que essa situação vai provocar.

TéléLoisirs, n° 566, 1997.

Esse pequeno texto parece perfeitamente compreensível para a maioria dos leitores. Na verdade, para compreendê-lo, não basta conhecer apenas a língua, é necessário também ativar na memória dois *scripts*: o do programa de rádio e o da "paquera". E o primeiro que nos permite fazer uma ligação entre as duas primeiras frases. Devemos conhecer as atividades de um locutor de rádio, saber que ele fala com os ouvintes pelo telefone durante o programa; devemos ainda saber que existem programas durante os quais certos especialistas (veterinários, por exemplo) dão conselhos pelo telefone (sem o que não compreenderíamos de que "correspondente" se trata). O segundo *script* permite compreender a relação de oposição ("mas..."), *apriori* enigmática, entre ser convidada para tomar um drinque e descrever-se com os traços de sua melhor amiga; no *script* da "paquera", um homem convida uma mulher para tomar um drinque como prelúdio a uma operação de sedução. Além disso, o leitor já deverá saber que as "loiras de arrasar" são tidas como muito cortejadas e que as mulheres de "aparência comum" têm muito menos chances de sê-lo.

Portanto, é ativando esses dois *scripts* e todos os saberes que lhes dizem respeito que podemos "imaginar os quiproquós que essa situação vai provocar".

2. A competência genérica

A competência comunicativa consiste essencialmente em se comportar como convém nos múltiplos gêneros de discursos: é antes de tudo uma competência genérica. De fato, "o" discurso jamais se apresenta como tal, mas sempre na forma de um gênero de discurso particular: um boletim de meteorologia, uma ata de reunião, um brinde etc. Não se

encontram os mesmos gêneros de discurso em qualquer sociedade ou tipo de sociedade (não há telejornal entre os índios da Amazônia), nem as mesmas maneiras de participar dos "mesmos" gêneros (a pechincha, na França, não é normalmente admitida nas mercearias ou nas padarias).

Mesmo não dominando certos gêneros, somos geralmente capazes de identificá-los e de ter um comportamento adequado em relação a eles. Cada enunciado possui um certo estatuto genérico, e é baseando-nos nesse estatuto que com ele lidamos: é a partir do momento em que identificamos um enunciado como um cartaz publicitário, um sermão, um curso de língua etc., que podemos adotar em relação a ele a atitude que convém. Sentimo-nos no direito de não ler e de jogar fora um papel identificado como folheto publicitário, mas guardamos um atestado médico a ser entregue a nosso chefe.

A competência genérica varia de acordo com os tipos de indivíduos envolvidos. A maior parte dos membros de uma sociedade é capaz de *produzir* enunciados no âmbito de um certo número de gêneros de discurso: trocar algumas palavras com um desconhecido na rua, escrever um cartão-postal para amigos, comprar uma passagem de trem numa bilheteria etc. Mas nem todo mundo sabe redigir uma dissertação filosófica, uma defesa a ser apresentada junto a uma jurisdição administrativa ou uma moção num congresso sindical. Pode-se ver aí uma manifestação particularmente clara da desigualdade social: numerosos locutores são desprezados porque não sabem se comunicar com facilidade em certos gêneros de discurso socialmente valorizados.

Podemos ainda participar de um gênero de discurso de formas muito diferentes, desempenhando diferentes *papéis*. O aluno não é capaz de ministrar uma aula, mas pode desempenhar o papel de aluno: saber quando deve falar ou calar-se, que nível de língua usar para falar com o professor etc. Certos papéis exigem uma aprendizagem mais profunda, e outros, uma aprendizagem mínima: o papel de leitor de um folheto publicitário requer um aprendizado mínimo, se comparado ao papel de autor de um doutorado em física nuclear.

3. A interação das competências

Importância da competência genérica para a interpretação

Enumeramos algumas "competências" que intervêm no conhecimento do discurso. Mas não especificamos *em que ordem* elas intervêm.

Seria simples se elas se manifestassem de modo seqüencial, isto é, uma após a outra. Entretanto, elas *interagem* para produzir uma interpretação. Com estratégias diferentes, pode-se chegar à mesma interpretação. Nada impede, por exemplo, que se comece identificando, por intermédio de marcas de vários tipos, o gênero de discurso em que se inclui um enunciado, para determinar de maneira geral seu conteúdo e a direção por ele visada, seus destinatários e o comportamento a ser adotado em relação a ele. Assim, uma determinada competência permite remediar as deficiências ou o fracasso do recurso a uma outra competência. Geralmente acabamos conseguindo lidar com enunciados em determinadas línguas estrangeiras, ainda que não compreendamos o sentido da maior parte de suas palavras e frases, se pudermos dispor de um mínimo de informação acerca do gênero de discurso em que se incluem tais enunciados. A competência exclusivamente lingüística não é, portanto, suficiente para interpretar um enunciado: a competência genérica e a competência enciclopédica desempenham um papel essencial.

Um texto de gênero incerto

No texto a seguir, por exemplo, a interpretação pode ser difícil para inúmeros leitores franceses, pela falta de uma identificação clara do gênero de discurso.

[Este texto foi extraído de um jornal de Yucatán (México): no canto de uma página dedicada às notícias da região, logo abaixo da propaganda de uma escola de dança, encontra-se este texto que traduzimos literalmente.]

VIRGEM DE GUADALUPE

Faça 3 pedidos, um concreto e 2 impossíveis.

Reze, durante 9 dias, 9 Ave-Marias, mesmo que você não tenha fé será atendido. Reze com uma vela acesa ou deixe-a queimar até o fim. Peça por nós.

Dou graças pelo milagre alcançado.

G.P.N. P.M.M.

Por esto!, Merida, 30 de agosto de 1996.

O que pode tornar esse texto mais ou menos obscuro para muitos estrangeiros é a dificuldade de atribuí-lo a um gênero que lhes seja familiar. A partir do momento em que não se compreende a que gênero ele se filia, não se pode falar de compreensão: o que faz esse tipo de texto, nesse lugar, em um jornal regional? como interpretar o título "Virgem de Guadalupe"? quem o publicou? com que finalidade? a quem se refere "eu"? o que significam as letras maiúsculas colocadas no final? etc.

Um texto linguisticamente deficiente

Agora, consideremos o documento a seguir, distribuído na saída de uma estação de metrô parisiense; trata-se de um pequeno cartão retangular (8 cm X 10 cm):

**Verdadeiro Médium Vidente
Senhor Cisse**

Olhe-bem o que ele tem na mão E uma Prova
fatal Se Você Quiser Acertar Sua Vida ou Se
Seu Parceiro Partiu com outro(a)
Essa é a especialidades dele Você será amado e Seu
Parceiro Voltará elr Correrá astrás de você como
o cachorro atrás do dono ele criará entre vocês
um entendimento perfeito com base no Amor
os problemas que parecem sem saída
SERÃO RESOLVIDOS CONSULTAS
Por Correspondência envie um envelope selado
Consulta todos dias das 9 horas às 20 horas
RUA CAROLUS DURAN, 8 — 75019 PARIS

Esse texto autêntico não tem pontuação, sua ortografia é muito aproximativa, há erros de digitação e algumas frases são dificilmente inteligíveis (cf. "Olhe-bem o que ele tem na mão E uma prova fatal Se você quiser Acertar Sua Vida", ou ainda "serão resolvidos consultas"). No entanto, apesar desses numerosos erros no manuseio da língua, o texto é relativamente compreensível. O leitor consegue vencer os obs-

táculos, baseando-se em sua competência genérica e em sua competência enciclopédica: o fato de que o texto venha num papelzinho distribuído gratuitamente na rua indica tratar-se de um panfleto. Como pertence manifestamente ao discurso publicitário (não se trata, por exemplo, de um panfleto político), pode-se supor que destaca as qualidades de um produto, a fim de estimular um comportamento de compra em um leitor-consumidor potencial. O leitor sabe, talvez, ou dispõe de meios para inferir que um certo número de imigrantes africanos ganham a vida na França dizendo-se médiuns, e que a maioria dos imigrantes não domina bem a língua escrita. Esse saber permite que o leitor descarte a possibilidade de considerar esse texto como uma brincadeira. Observe-se que nada no texto indica tratar-se de um médium africano, a não ser o sobrenome "Cisse"; a capacidade de perceber que se trata de um sobrenome africano decorre também da competência enciclopédica. Na ausência de tal saber, a informação poderia ser inferida pelo simples fato de o distribuidor de panfletos ser um africano, mas essa é apenas uma probabilidade.

4. Leitor-modelo e saber enciclopédico

Como a fala é uma atividade fundamentalmente cooperativa, o autor de um texto é obrigado a prever constantemente o tipo de competência de que dispõe seu destinatário para decifrá-lo. Quando se trata de um texto impresso para um grande número de leitores, o destinatário, antes de ser um *público empírico*, ou seja, o conjunto de indivíduos que lerão efetivamente o texto, é apenas uma espécie de imagem à qual o sujeito que escreve* deve atribuir algumas aptidões. A justa medida de competência lingüística e de competência enciclopédica que se espera do leitor vai, então, variar de acordo com os textos.

Dois artigos bem diferentes

Comparemos a introdução de dois artigos. Um foi tirado da seção "Basquetebol" do diário esportivo *UEquipe* (1); o outro é apresentado *como faits divers* pelo jornal regional *Le Courier Picard* (2):

* No original, *scripteur*. (N.T.)

1. E Cárter perdeu a cabeça...

O palense* é um cara legal. No entanto, ele agrediu Adams. ANTIBES — Faltam 5'51" de jogo para o intervalo. Adams parte para o lado oposto ao da bola, empurrando Cárter que tenta bloqueá-lo. O antibense vem receber o passe de Sretenovic; o palense ultrapassa a barreira imposta por Bonato à sua passagem e investe violentamente contra Adams. O cotovelo direito de Howard atinge a nuca de Georgy.

Jean-Luc Thomas, *UEquipe*** I° de fevereiro de 1993.

2. Uma octogenária agredida em Esclainvillers

Dois indivíduos agrediram e maltrataram segunda-feira à noite uma moradora de 82 anos, habitante de Esclainvillers, pequena cidade próxima de Ailly-sur-Noye. Para essa octogenária que vivia feliz no seu vilarejo natal, aquela noite ficará para sempre gravada na memória.

Le Courrier Picard,*** 29 de janeiro de 1993.

O leitor do *Courrier Picard*, baseando-se em sua competência lingüística e presumindo que o texto é coerente, não tem dificuldades para interpretar as expressões nominais referentes aos atores *à la fait divers*: "uma moradora de 82 anos" e "dois indivíduos". Com efeito, eles são apresentados com termos que pertencem a um vocabulário acessível a todos ("indivíduo", "moradora") e mobilizam determinantes indefinidos ("dois", "uma") que servem precisamente para introduzir referentes tidos como desconhecidos do destinatário. Para identificar o referente de "essa octogenária", basta saber que "octogenária" designa um indivíduo que tem entre 80 e 89 anos e que o determinante "essa" indica em geral um elemento introduzido anteriormente e muito próximo.

Em contrapartida, no artigo de *L'Equipe*, a compreensão se baseia muito menos na competência lingüística: é mais útil, pelo menos em parte, ter uma certa familiaridade com um dado subconjunto da competência enciclopédica relativo às regras do basquete e ao campeonato da França de 1993. Assim, na segunda frase,

* Habitante da cidade de Pau. (N.T.)

** *L'Equipe* é o maior jornal esportivo francês, trazendo notícias sobre todas as modalidades de esportes. (N.T.)

*** *Le Courrier Picard* é o jornal regional da Picardia (região situada no norte da França, cuja capital é Amiens). (N.T.)

O antibense vem receber o passe de Sretenovic; o palense ultrapassa a barreira imposta por Bonato à sua passagem e investe violentamente contra Adams.

a designação "o antibense", supondo-se que o texto seja coerente, pode, *a priori*, referir-se tanto a "Adams" como a "Cárter": num plano exclusivamente lingüístico, nada permite fazer uma escolha. Para que a leitura seja facilitada, vale mais a pena que o leitor conheça a escalação das duas equipes que se enfrentam e o nome de batismo de cada jogador (caso contrário, como saber que "Howard" é Cárter e "Georgy", Adams?). Se o leitor não possui tais informações, ele pode ainda se basear no seu conhecimento do *script* de um jogo de basquete e raciocinar da seguinte maneira: se um jogador corre para o lado oposto ao da bola, é provavelmente porque espera um passe que pediu; pode-se, então, supor que Adams é "o antibense". Se nosso leitor não domina suficientemente o jogo de basquetebol, ele pode eventualmente voltar atrás, ao paratexto (o título do artigo, no caso), que lhe permitirá deduzir que Cárter é um jogador de Pau e que, se ele investe contra Adams, é porque este último joga no time adversário; portanto, Adams é o antibense. O raciocínio se baseia na suposição de que a tendência é agredir os adversários, e não os jogadores da própria equipe. Um tal desvio pelo paratexto é dispendioso para o leitor que, em vez de voltar atrás, geralmente continua sua leitura, esperando que as coisas se esclareçam mais à frente.

O leitor-modelo

Evidentemente, *UEquipe* conta mais com o conhecimento do leitor em matéria de basquete do que com seu saber lingüístico, enquanto *Le Courier Picará* apela fortemente para a competência lingüística. Pode-se dizer que esses dois artigos requerem leitores-modelo diferentes um do outro:

- o leitor-modelo do artigo do *Courrier* é o leitor de um jornal regional, cujo público extremamente heterogêneo deve apresentar como denominador comum o fato de habitar uma mesma área geográfica, reduzindo-se, desse modo, ao máximo as exigências no campo da competência enciclopédica. Porém, tal competência não pode ser totalmente desconsiderada: a maioria dos leitores provavelmente não conhece Ailly-sur-Noye (isto é, não pode localizá-la geograficamente) nem

Esclainvillers, mas o jornalista se sentiu no direito de não explicitar o referente de Ailly, postulando que um leitor modelo da Picardia provavelmente conhece as pequenas cidades da região, mas não os vilarejos;

- o leitor-modelo de *L'Equipe* é visto como alguém que se interessa pelo campeonato de basquetebol e que acompanha atentamente suas peripécias. Sendo assim, o jornal esportivo procura *reforçar a convivência* com seu público: mesmo que nem todos os leitores sejam capazes de identificar com precisão os referentes dos nomes próprios, eles têm a impressão de fazer parte do círculo dos peritos. Isso explica certamente o recurso às designações "Howard" e "Georgy": o uso do nome de batismo, a princípio reservado aos familiares desses jogadores, é estendido ao círculo dos leitores. Na verdade, é por intermédio da leitura assídua do jornal que estes últimos adquirem progressivamente o saber enciclopédico necessário: Sretenovic e Bonato, nomes que só aparecem em segundo plano nesse relato, ocuparão sem dúvida o primeiro plano em outros artigos e poderão, assim, tornar-se mais conhecidos.

A divergência entre esses dois tipos de leitor-modelo corresponde a uma divisão bem conhecida entre as produções midiáticas que constroem seu público por exclusão (públicos "temáticos") e aquelas que excluem um mínimo de categorias de leitores (públicos "generalistas"). Essa divergência é confirmada pelo exame dos títulos dos dois artigos: o do *Courrier Picard* é um simples resumo da narração, enquanto o de *UEquipe* associa o resumo (o subtítulo) a um título enigmático que recupera ludicamente o texto da Bíblia sobre a criação do mundo. Essa imitação não tem nenhum valor satírico, uma vez que não existe nenhuma relação entre essas frases da Bíblia e a frase resultante; trata-se apenas de criar uma convivência, reforçada pelo emprego de uma expressão ("perder a cabeça") e de um substantivo ("cara") de registro familiar: o leitor tem a impressão de pertencer a um universo de iniciados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maingueneau, Dominique

Análise de textos de comunicação / Dominique Maingueneau ;
tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. - 5. ed. - São Paulo :
Cortez : 2008.

Título original: Analyser les textes de communication.

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-0778-4

1. Análise do discurso 2. Comunicação de massa e linguagem
3. Lingüística I. Título.

01-0838

CD-401.41

índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso : Comunicação : Linguagem 401.41